



RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES

Daniella Rocha Bittencourt¹
Jardinélio Reis da Silva²

Resumo

Este estudo analisa a compreensão dos(as) professores(as) de educação física da Rede Municipal de Ananindeua/Pa sobre as relações de gênero em suas aulas. Considera gênero a partir de uma perspectiva histórica e social supondo relações de equidade entre ambos os sexos. É uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, utiliza como instrumento de coleta de dados um questionário com 30 professores(as) de educação física. Conclui que os discursos dos(as) docentes são permeados por contradições e pouca clareza quanto a temática gênero e por isso precisa ser alvo de melhor entendimento dos(as) professores(as) a fim de esclarecer que as desigualdades são fruto da cultura e não da biologia dos sujeitos.

Palavras-chave: Relações de gênero. Educação física. Docência. Sexismo.

Introdução

A vida da mulher na sociedade ocidental se deu por meio de decisões tomadas pelos homens, que durante muito tempo não admitiam a participação feminina na vida pública e restringiram sua atuação ao mundo privado, em especial as atividades do lar e a maternidade, sendo vistas apenas como parte da propriedade dos homens (pais e depois maridos).

A história das mulheres é uma história não escrita, invisibilizada e dada como secundária, diante destes fatos surge o movimento feminista que reivindica o lugar da mulher na história. Segundo Rago (1998) as feministas lutam pela construção de uma nova linguagem que revele o olhar e as experiências culturais das mulheres.


O termo gênero, segundo Scott (1995, p.73), surge entre as feministas pela necessidade de caracterizar as relações desiguais entre os sexos como social e rejeitar o determinismo biológico pela qual se tinha a crença de que características, comportamentos e gostos já nasciam com os sujeitos.

Gênero, portanto, desloca o debate do sujeito mulher para a análise das relações de gênero, o que permite superar uma lógica binária (homem *versus* mulher) e propõe uma

¹ Mestranda em Educação da Universidade do Estado do Pará, Graduada em Licenciatura em Educação Física, Professora da Rede Municipal de Ananindeua/Pa, danny-bittencourt@hotmail.com.

² Mestrando em Educação da Universidade do Estado do Pará, Graduado em Pedagogia, Professor da Rede Municipal de Castanhal/Pa, reissilvaj@hotmail.com.





análise relacional através da construção de um novo olhar que desmistifica crenças de naturalização das diferenças (RAGO, 1998).

Desse modo, é no âmbito social e através das relações de poder que se (re)produz as relações desiguais entre os sujeitos, portanto, as respostas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas nas relações sociais (LOURO, 2003, p. 22).

A escola é um importante campo social de disputa de poder e de resistência e pode atuar no sentido de promover a igualdade de oportunidades entre os sujeitos ou pode, ainda, promover a desigualdade e reprodução de estereótipos e normas que tentam homogeneizar as pessoas e deixa de levar em consideração suas subjetividades.

Para Louro (2003, p. 61) a escola cumpre, desde o seu primórdio, uma ação distintiva, que separa os sujeitos e os classifica, “começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.”

A educação física escolar, historicamente ofereceu, segundo Altmann et al (2011, p. 497), conhecimentos diferenciados para os meninos e meninas, normalmente marcados por estereótipos que inscrevem estes sujeitos em categorias distintas e obnubilam suas singularidades.

Para Goellner (2015) a educação física vincula-se à biologia, em que se indica o sexo dos sujeitos como o principal elemento de suas capacidades e habilidades físicas e psicológicas, considerando o homem mais forte e a mulher mais frágil.


Sendo assim, um dos desafios dos(as) professores(as) de educação física é o de estar atento a reprodução e construção das aulas com base nas diferenças biológicas, que existem, mas que não podem ser consideradas como fator principal para instrumentalização dos conhecimentos.

Para Altmann et al (2011), as oportunidades de conhecimento devem ser diversas e é preciso levar em consideração a igualdade de acesso aos conteúdos para que todos e todas tenham a oportunidade de ampliar seus interesses e repertórios de cultura corporal.

Cultura corporal aqui compreendida como “a materialidade corpórea que foi construída [...] resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade e que necessitam ser retraçados e transmitidos para os(as) alunos(as) na escola” (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p.40).

Neste sentido compreende-se que os conhecimentos devem ser compartilhados com todos os sujeitos envolvidos no processo educacional escolar e este papel é fundamentalmente conduzido pelos(as) professores(as). É diante deste cenário que surge a inquietação deste





estudo e lança-se mão sobre o seguinte questionamento: Qual a compreensão dos(as) professores(as) de educação física da Rede Municipal de Ananindeua sobre as relações de gênero? Perpetuam relações desiguais entre meninas e meninos? Ou vão na via contrária da imposição de padrões?

Metodologia

Para responder as questões deste trabalho recorre-se a uma pesquisa qualitativa, buscando elucidar questões muito particulares que envolvem um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 1994). É uma pesquisa de campo pois possibilita uma aproximação com o objeto que se deseja conhecer e estudar e, também, criar um conhecimento partindo da realidade do presente campo (NETO, 1994 p. 51).

Utiliza como lócus a Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua/Pa, segundo maior município do Estado do Pará e o município brasileiro com maior taxa de morte de mulheres (AGÊNCIA PÚBLICA, 2015). Utiliza como instrumento de coleta de dados um questionário que foi aplicado à 30 sujeitos, sendo 17 professores e 13 professoras que atuam da educação infantil ao 9º ano.

Para analisar os dados utiliza-se a técnica de Análise de Conteúdo pois seu ponto de partida é a mensagem que leva em consideração as condições contextuais de seus(as) produtores(as), condições que envolvem elementos históricos, sociais, culturais, econômicos, etc. e que resultam em mensagens verbais carregadas de componentes cognitivos, subjetivos, afetivos, valorativos e historicamente modificáveis (FRANCO, 2008, p.12)

Resultados e discussões

Ao analisar a resposta dos 30 professores(as) emergiram duas categorias: 1. Aspectos biológicos – esta categoria considera a biologia determinante na constituição do gênero; 2. Aspectos socioculturais – esta categoria considera os aspectos sociais e culturais determinantes para a configuração do gênero e sua relação no contexto social

As seções que seguem resultam das análises e são desenvolvidas em dois eixos: professores(as) que aproximam o entendimento de gênero aos aspectos biológicos; e os professores(as) que compreendem gênero como uma construção sócio histórico.





Aspectos biológicos

Nessa seção busca-se identificar nos discursos dos(as) professores(as), os conceitos ligados ao determinismo biológico quanto ao gênero. O recorte busca enfatizar as palavras-chaves que ressaltam deste tipo de discurso.

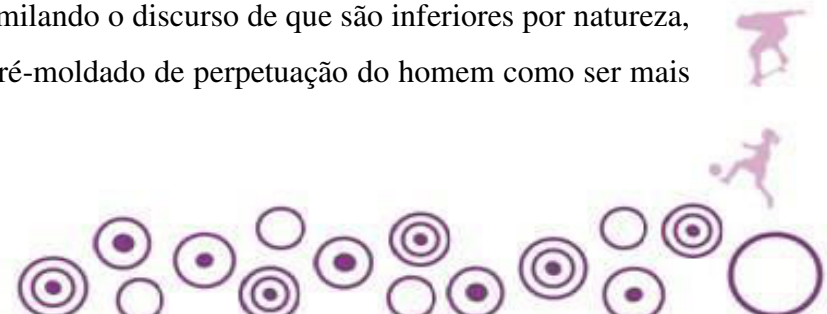
| RECORTES DOS ASPECTOS BIOLÓGICOS |
|--|
| Masculino e feminino / Homem e Mulher |
| Vivências corporais / Estrutura muscular |
| Órgão genital |

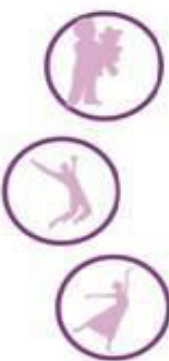
Nessa categoria, pode-se perceber o discurso binário dos(as) professores(as) para categorizar gênero quanto a prática do(a) professor(a), a compreensão de educação da escola e a atitude do(a) aluno(a).

Primeiramente, alguns(mas) professores(as) reforçam que o trabalho com os(as) estudantes leva em conta esse aspecto binário, o planejamento de aulas é com base em uma diferenciação de acordo com a anatomia. Introduce-se atividades de acordo com a fisiologia dos grupos sociais: *“o homem já nasce com uma estrutura muscular mais resistente que a mulher e sempre fisicamente ela vai ser menos resistente que eles [...] temos que trabalhar com alunos na compreensão desse fator”*. Esta fala demonstra que existem padrões preestabelecidos para o ser menino e o ser menina, ou seja, neste ponto não se leva em consideração as preferências das(os) alunas(os), mas sim o que já está posto como adequado.

Outro(a) admite e ressalta que a escola e a educação física reforçam essa determinação biológica do gênero através de um tratamento diferenciado. Nas palavras desse sujeito: *“no âmbito escolar, essas relações se mantêm de acordo com a posição da escola atual, que acaba ratificando essas posições”*.

Outro aspecto relevante ainda sobre o determinismo biológico foi relatado por um(a) dos(as) entrevistados(as) quando a atitude do(a) aluno(a): *“que essas relações podem e devem ser trabalhadas nas aulas de educação física, pois ainda me deparo com situações de exclusão das meninas em determinadas atividades. Exclusão das meninas e, também **auto exclusão**”*. Este fator é preponderante pois trabalha na perspectiva das relações de poder no sentido de que as meninas acabam assimilando o discurso de que são inferiores por natureza, quando na verdade este é um discurso pré-moldado de perpetuação do homem como ser mais forte.





É neste sentido que Louro (2003, p. 22) reitera a ideia que gênero é imposto socialmente e produzido nas relações sociais mas, “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”.

Em outras palavras, estes(as) professores(as) reforçam o discurso hegemônico de que as mulheres são seres frágeis e com poucas habilidades físicas, indicando a necessidade de trabalhar com estes profissionais, através de formações, as nuances das relações de gênero e mostrar a possibilidade de subverter as hierarquias entre os sexos e possibilitar a equidade e o respeito as multiplicidades do ser homem e do ser mulher.

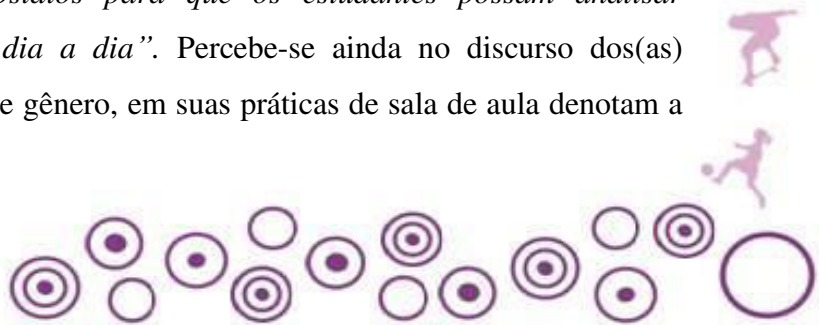
Aspectos sociais


Nesta categoria foram analisados os discursos relacionados aos aspectos socioculturais da compreensão de relação de gênero. Joan Scott (1995) considera que “Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relação de poder”. Busca-se então essas compreensões nos recortes a seguir:

| RECORTES DOS ASPECTOS SOCIAIS |
|---|
| Igualdade de condições / Oportunidades iguais |
| Relações conflituosas / Conflitos sociais e morais / Diferenças / Situações de exclusão |
| Relações sociais / Posicionamentos sociais/ Relações profissionais, culturais e sociais |

Neste quadro pode-se observar que o discurso dos(as) professores(as) ligados(as) aos aspectos socioculturais estão relacionados ao entendimento de Joan Scott sobre gênero. Uma vez que sugerem igualdade de condição e oportunidades iguais e deflagram a ausência das mesmas. Essa negação está atrelada a vivência dos(as) professores(as) que percebem a necessidade política de gênero em seu campo de trabalho e sociedade em que vivem. Denuncia, pois, a análise do quadro dos aspectos biológicos que categoriza a exclusão como elemento natural na relação de gênero.

Nas palavras de um(a) professor(a): *“esse assunto deve ser abordado em todas as disciplinas de forma que ofereça subsídios para que os estudantes possam analisar criticamente as diversas situações do dia a dia”*. Percebe-se ainda no discurso dos(as) professores(as), o conflito nas relações de gênero, em suas práticas de sala de aula denotam a





exclusão das meninas das aulas de educação física: *“ainda me deparo com situações de exclusão das meninas em determinadas atividades”*.

Podemos analisar discursos que ratificam a postura da igualdade de condições quando uma das(os) professores revela que *“não devemos diferenciar em nossas atividades educacionais” “interação entre meninos e meninas, homens e mulheres em igualdade de condições e oportunidades”*. Estas falas chamam atenção pois demonstra a disputa de poder no interior da instituição escolar, ao ponto que alguns(mas) professores(as) dizem que preparam atividades diferentes para meninos e meninas e outros(as) resistem a esta atitude, demonstrando a resistência as desigualdades.

No tocante as relações nas aulas de educação física os(as) entrevistados(as) enfatizaram o machismo como determinante nos conflitos e a necessidade de discutir este assunto no ambiente escolar: *“Necessita-se de um debate acerca dos conflitos sociais e morais que envolvem o gênero masculino e feminino, visto em uma sociedade extremamente machista e desigual em aspectos culturais, sociais e econômicos”*.

De uma forma geral, está implícito no discurso dos(as) professores(as) pesquisados(as) um entendimento superficial sobre relação de gênero e se lidos particularmente, pode-se encontrar muitas contradições nos conceitos por eles e elas apresentados.

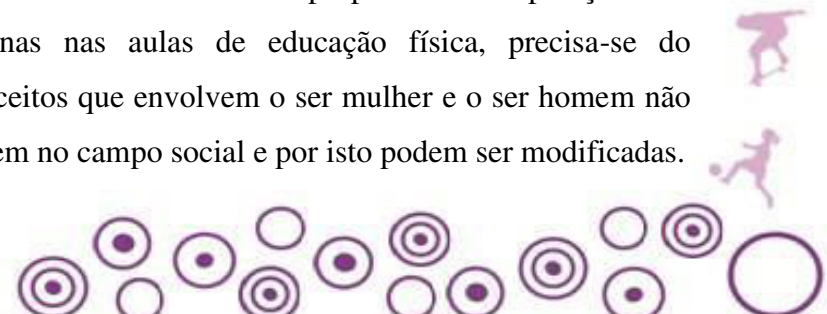
Subentende-se que os(as) professores(as) não possuem total domínio do conceito de relação de gênero, mas tem um entendimento particular a partir de suas vivencias e aplicam a esmo em seus trabalhos com os(as) alunos(as). Ora equiparando, ora estigmatizando os sujeitos nas aulas de educação física.

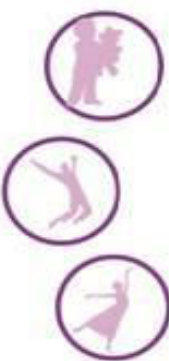
Considerações finais

Conclui-se que gênero surge com o intuito de promover o entendimento de que as relações desiguais entre homens e mulheres advém da própria prática social dos seres humanos e que por este motivo esta temática deve ser discutida na/para escola com o objetivo de promover a equidade.

É possível perceber que a compreensão acerca dos destinos sociais relacionados ao sexo ainda é demarcada por um viés sexista e patriarcal, apontando a necessidade de mais investigações sobre a temática.

Para além destas certezas é necessário encaminhar propostas de superação das desigualdades entre meninos e meninas nas aulas de educação física, precisa-se do entendimento que estereótipos e preconceitos que envolvem o ser mulher e o ser homem não são de origem biológica, mas se inscrevem no campo social e por isto podem ser modificadas.





Além disso, existe uma necessidade central de disciplinas, palestras e debates que envolvam o tema gênero nos cursos de formação de professor(a) bem como nas formações oferecidas pelas redes de ensino da educação básica, a mudança se percebe no esforço conjunto, através também de políticas públicas que caminhem para a igualdade entre os seres humanos.

Referências

- AGÊNCIA PÚBLICA. **As cidades que mais matam mulheres no Brasil**. Disponível em: <https://apublica.org/2017/10/as-cidades-que-mais-matam-mulheres-no-brasil/>, 2015.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 336, maio/ago., 2011.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação física**. 2. ed. Revista, São Paulo: Cortez, 2009.
- FRANCO, Maria Laura. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.
- GOELLNER, S. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFSM). **Rev. Educ Fis**, v. 26, n. 2, p 167-179, 2015;
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MINAYO, MCS. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 1994.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. MINAYO, Maria Cecília (Org.). Petrópolis: Vozes, 1994.
- RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**: p.89-98, 1998.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. p. 71-99, 1995.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

